

# AMOCIDADE

HEBDOMADARIO SCIENTIFICO E LITTERARIO MUNICIPIO DE BARCELLO  
BIBLIOTECA

## COLLABORADORES

Accacio Borges—Albano Coelho—A. V. Cid—Dr. Alves Mendes—Dr. Alves da Veiga —  
Antonio Fogaca — Antonio Pleias—Augusto de Castro—Augusto de Mesquita—B. Caldas—Bernardino  
de Senna Freitas—Dr. Delfim de Carvalho—Candido da Cruz—José Alves de Faria—F. C. Vas-  
ques—Ernesto Leitão—Francisco Bastos—Ignacio Carneiro—Joaquim José Martins  
J. C. V.—Armelim Junior—Dr. Pereira Caldas—Pinto da Rocha—Sebastião Pereira da  
Cunha—Silvestre Falcão, etc, etc.

## SUMMARIO

*Chronica* por Pirolito. *Monoculando* por Bernabé Com-  
vóz. *Paisagens* por Alvaro Lagrin. *O suicidio e o Christia-  
nismo* por A. J. Miranda. *Fragmento* por Augusto de Mesqui-  
ta. *O trabalho* por J. M. Alves. *Pergunta* por Alvaro Lagrin.  
*Amicus certus...* por Albano Coelho. *Nas fitas d'um bouquet*  
por Albano Coelho. (Sciencias) *Electricidade* por Pereira Cal-  
das. *Origem dos fermentos* por A. V. Cid. *Em família* (Passa-  
tempos). *Expediente*.

## CHRONICA

Fazer uma chronica, sim, não é difficil, principal-  
mente quando não ha novidades frescas, palpitantes,  
novinhas em folha, novidades de sensação, um escan-  
dalosinho emfim que os bons e pacatos burguezes, to-  
dos graves e todos serios vão commentando, d'ordina-  
rio, com indignação, acompanhada de enormes pitadas  
com que atulham os antros nasaes das suas *pencas*  
enormes, respeitaveis.

Mas, se essas novidades não apparecem, se esses  
escandalos se acobertam com o veu da vida particular,  
quando se escondem no seio da familia, quando nada  
ha de que lançar mão para fazer uma chronica, por  
bem pequena que ella seja, começa então a verdadeira  
difficuldade, o martyrio do pobre chronista.

Eu bem sei que podia ir conversando contigo,  
estimavel leitora, a respeito dos confeitos, das amen-  
doas, d'essa noite de Natal, noite patriarchal que acaba  
de se sumir na voragem do tempo, d'este velho an-  
cião que nos vae envelhecendo, lenta e insensivelmen-  
te, substituindo as cores rosadas e sadias da nossa ju-  
ventude, da nossa mocidade pelas cores pallidas, ma-  
cilentas da decrepitude, da velhice, com todo o seu  
innumeravel sequito de doenças, que vão prostrando

hoje uns, amanhã outros, estes minados por uma  
phtisica chronica, aquelles por uma galopante, outros  
asphixiados por pneumonias, etc. etc.

Mas descança, leitora, não te persuadas de que  
te vou fallar das variadissimas causas etiologicas e pa-  
thologicas que acabrunham a humanidade; em nada  
d'isso te fallarei, porque não tenho pretensões a fazer  
d'esta palestra que tenho contigo, um curso de patho-  
logia.

Podia tambem satisfazer a tua curiosidade e des-  
cerrar o veu que cobre o correspondente da «Folha No-  
va» e descrever-te a vida d'esse cavalheiro, estampar-  
lhe n'estas paginas a sua biographia que tem umas  
passagensitas, aliás... muito interessantes. Mas este  
semanario não é praça publica, em que se relate a vi-  
da alheia e mesmo, eu, um insignificante, não quero  
arrostar com a colera d'esse personagem, porque, co-  
mo tenho uma constituição fraca e muito fragil, dean-  
te da sua arrogancia, ficaria tremulo e cheio... de me-  
do. E, como não quero fazer essa figura, prefiro que fi-  
ques ignorando tudo o que te podia dizer a esse res-  
peito.

Ah! que não fallei nos confeitos! Fica para outra  
vez.

Barcellos, 25—12—86.

Pirolito.

## MONOCULANDO

(Do Porto)

Monocolando é um termo moderno, de que eu  
me sirvo para epigraphar os artiguinhos que, de vez  
em quando, vos apresentarei, amaveis leitoras, e res-  
peitaveis leitores, cheios de verdade e noticias, e fal-



tos de estylo. Serão umas *pseudo-chronicas*, em que eu tentarei descrever-vos o que ha de mais notavel n'esta terra burgueza e amiga das suas commodidades. E, para principiar, vamos até ao Palacio de Crystal, onde vos apresentarei tudo o que é *becarre* no nosso mundo elegante.

Entremos. Em frente e ao lado, um esplendido parque, onde a vegetação luxuriante nos atrahê a vista na contemplação dos primores da floricultura. Ao centro, como uma construcção elegante, o Palacio, esse templo mixto da arte, do commercio, e da industria, e até da *culinaria* (reclame do restaurant), onde na ampla nave passeia, aos domingos, a nossa *elite*; — tudo o que é distincto n'esta terra.

Hoje, leitora amavel, é domingo, como muito bem sabes; lá ao fundo, no palco, o Santos, o regente, dirige a banda, que executa com o primor de verdadeira maestria.

Cá embaixo, no salão. as meninas Fulanas, a familia Cierana, os manos Beltranos, emfim um povo-reu elegante, que vem ali para ver, e, muito mais, para ser visto.

E' aqui que se discute a elegancia d'este ou d'aquelle, a belleza, o modo de trajar, emfim, aqui, n'este passeio, é que o nome de elegante e formosa se cria ou perde, é aqui, que se arranjam os namoros elegantes, do *chic*...

Mas... eu fallar em namoros... se a leitora é alguma mamá robugenta, não mais consentirá que suas filhas leiam a Mocidade, porque, — dirá ella, falla em namoros e... quem sabe no que virá a fallar...

Passemos, pois, a outro assumpto.

Visto que fallei no Palacio, continuarei dizendo alguma cousa de ahi.

Na passada sexta-feira, 17, o theatro Gil Vicente foi o local marcado para o *rendez-vous* da nossa aristocracia.

Um concerto a favor do Hospital de creanças, e da Creche de S. Vicente de Paulo foi o que determinou a reunião e a *mélange* das varias classes sociaes, que se misturam sempre n'um convivio franco e alegre, quando se tracta de socorrer infelizes, e minorar-lhe os soffrimentos.

Os organisadores, os esposos Sabatini, uns professores distinctos, devem estar contentissimos com o resultado da sua festa, pois foi brilhante.

Não esquecerei um quarteto cantado pelas ex.<sup>mas</sup> snr.<sup>as</sup> D. Laura Soares e D. Margarida Busquet Vargas e pelos snrs. Francko de Castro e Fernando Clauss, nem tão pouco um dueto pelas duas primeiras senhoras.

Era a primeira vez que se apresentavam em publico, e a sua estreia não podia ser mais brilhante, mais demonstrativa.

D. Laura Soares uma bella voz de soprano, extensa, melliflua.

D. Margarida Vargas compenetra-se da letra da

musica que canta e que depois diz com todo o sentimento d'uma amadora distincta e uma cantora eximia.

Os coros orfeonicos, bem, muito bem até, e a prova de que foram magistralmente executados, é que um publico selecto, que enchia a vasta sala, se levantou, entusiasmado, obrigando-os a cantar de novo.

E, posto isto, consenti, amaveis leitoras, e respeitaveis leitores, que manifeste aqui o meu parabem sincero á distincta professora e suas discipulas, que nos mimosiarão com uma noute tão cheia de encantos e melodias.

E, leitora, até á semana.

Porto—18—12—86.

Bernabé Comvóz.

## PAISAGEM

Ao José Brites (pseudonymo)

O rio n'nm murmurio leve e doee  
Por meio d'aldeola deslisava  
Em curvas deseguaes, como se fosse  
Uma serpente. Em torno circundava

O alegre descantar das lavadeiras.  
Rolava no azul o sol luzento,  
Emquanto pelo ar canções brejeiras  
Fazem pulsar o coração da gente!

Os salgueiraes assombriando o rio  
Punham-lhe um tom monoto, sombrio.  
E, a saltitar de ramo em ramo, as aves

Como quem desafia as cantadeiras  
Ao ouvirem a voz das lavadeiras,  
Soltavam no espaço umas canções suaves.

16—12—1886.

Alvaro Lagrin.

## O SUICIDIO E O CHRISTIANISMO

Ao distincto academico Francisco de Menezes

E' o suicidio o primeiro e mais aterrador symptoma da voragem que actualmente redemoinha os povos e que ha-de leval-os por despinhadeiros, embora juncados de flores, ao pavoroso abysmo da extrema dissolução.

Saturado o espirito de grosseiro egoismo, povoada a mente de chimeras, ermo o coração de sentimentos religiosos, o homem apertado, como o Lacoonte grego, pelas mil roscas gelidas da hydra do desespero quebra sem dó os elos que o prendem á vida.

Elle diz então de si para o seu coração: «A vida é poste de agonias, quando a noite do infortunio esten-



de sobre mim seu manto lugubre. A vida é carga pesada, quando no solo arido da existencia contrariada não brota, sorridente de esperanças, uma flor de consolação. Destino implacavel e feroz, que é feito d'aquellas horas de enebriante felicidade que para mim voaram pressurosas no ameno regaço do prazer?! Futuro, tu que és? Immortalidade, Gloria, Providencia, Deus, vãos phantasmas, que povoas minhas longas noites de insomnia! quem vos ensinou descaraveis a torturar, fibra a fibra, o coração d'um pobre desgraçado!...»

Afflictivas e pungentes interrogações são essas d'uma sociedade descrida, e que se me affiguram estampadas com o estyigma da eterna maldição, nas fronte alquebradas d'esses cadaveres de suicidas que os requintes do luxo e da devassidão infrene atiram ahí ao monturo, nas ruas e praças do mundo civilisado!

Em frente d'esta sociedade, colloca o christianismo a figura sublime da dulcissima mãe de Jesus, da victima heroica do Calvario.

A existencia d'esta mulher extraordinaria consubstancia o maior e mais lancinante dos martyrios chorados.

Como as vagas do oceano, as dores incomportaveis accumularam-se sopeadas pelos ventos da raiva popular, desde os desabrigos de Belem aos horrores do Calvario, para espedaçar aquelle coração de mãe, afinado pela lyra da dôr, terno e condolente como a palavra de Jeremias.

Mas a sua resignação foi igual ao seu soffrer. Salteada pelo latego do infortunio crudelissimo, ficou para assombro e pasmo dos seculos como a estatua sublime da constancia no soffrimento!

Tal é o espelho de valorosa constancia, que o christianismo nos põe deante dos olhos para não desfallecermos á mingoa de coragem, quando a adversidade nos der o seu mais apertado amplexo.

A. J. de Miranda.

## FRAGMENTO

Sinto desabrochar no coração  
Essa maldita flor da nostalgia...  
O amor, o amor que em mim d'antes vivia  
Desfez-se-me no fumo da illusão!

Vagueio agora solitario e incerto  
Despido d'illusões, sonhos ardentes...  
— Meu Deus! Sou como o pária do deserto  
Atravessando os areas candentes.

Já nada me distrae; nada já quero!  
Nem do luar o luminoso beijo  
Minha alma acorda em vibrações singellas...

Eu sou a eterna sombra d'Ashavero  
— Só desejava — excentrico desejo —  
Ter por mortalha o manto das estrellas!

Porto.

Augusto de Mesquita.

## O TRABALHO

O trabalho é uma operação, cujo producto é a felicidade humana; o trabalho é o unico salva-vidas, que apparece, boiando no occano dos vicios, é a poderosa alavanca do progresso, é o escudo que melhor resiste ás penetrantes setas da miseria.

O trabalho transforma os pigmeos em gigantes, e os gigantes em colossos, as agrestes planicies em fertes campos, e estes em fecundas searas, os desertos em aldeias, e as aldeias em cidades, as cidades em reinos e os reinos em imperios; o trabalho transforma o direito da força na força do direito, e a voz do canhão, ecoando nos campos da batalha, na voz do homem, ecoando nos recintos dos parlamentos.

O trabalho, por meio d'um baptismo de luz, purifica do peccado original as religiões e os governos, e os transforma em luzentes constellações do céu do progresso.

O trabalho é um dever sagrado, que a natureza nos impõe.

O homem, caminhando incessantemente na infinda estrada do progresso, deixa atravez dos seculos, que vão passando, um rasto luminoso que, reverberando-se-lhe na frente, o estimula ao trabalho.

Pois, se habitamos n'uma casa, rodeados de todas as commodidades da vida; se temos as forças naturaes, substituindo as musculares; se podemos arar em todas as direcções a vasta campina liquida, e conhecer todos os povos ainda os que habitam as mais remotas paragens; se podemos saber u'um momento o que afflige nossos amigos, que se acham milhares de leguas distanciados; se sabemos que o troar do trovão, o fusiir do relampago, o bramir da tempestade e o chammejar da cratera, são, sim, phenomenos naturaes, a quem o devemos senão ao trabalho?

O que seria das sociedades, no mundo civilisado, se o naturalista não tivesse deixado vaguear sua intelligencia pelas vastas regiões do infinito para colher esplendurosos bouquets, cujos aromas embriagam os povos na virtude, se o naturalista não tivesse arrancado á natureza os seus mais importantes arcanos para os converter em auxilio da fraqueza humana, se o historiador não tivesse mostrado a grande scena que o genero humano tem representado sobre o immenso theatro do globo?

Seria tudo um verdadeiro chaos, onde o homem jazeria eternamente, entregue a si e á natureza.

Se não, atravessemos o Mediterraneo, vejamos como nossos irmãos ali vivem repassados d'amarguras e cobertos de crueis fadigas, e notemos se elles não devem todas estas clamidades ao ocio e á inepeia!

Reunamo-nos, pois, todos na santa cruzada do trabalho para poder-mos alcançar a victoria, para vermos a sociologia tocar os ultimos confins dos seus arcaes.

J. M. Alves.



## PERGUNTA

Os teus olhos, pomba mansa,  
Tem um tão meigo brilhar  
Mais formoso que o luar,  
Mais bello que o sol, creança!

A luz que d'elles dimana  
Tão viva, tão seductora,  
E' bem mais casta que a aurora  
Que em vibrações espadana

Enchendo a terra de vida.  
Nem tu sabes, minha flor,  
Como é grande o meu amor,  
O' minha pomba querida.

Não sabes, não, se soubesses...  
Talvez te risses de mim!...  
Mas... sempre me diz, emfim.  
Porque é que ao ver-me estremece.

1886.

Alvaro Layrin.

## AMICUS CERTUS...

(EXCERPTO)

Ninguém no solar de Valle Tua ignorava já a resolução de Gastão de Andrade.

Paulo, o pedinte, participára ao morgado que Gastão ia despozar-se com Rosa, e o velho fidalgo não quizera consentir que elles abandonassem o solar.

Emma enfermara.

Faziam-se todos os preparativos para o casamento, mas Rosa estava fria, como que descrente ainda.

Se ella tinha soffrido tanto!

Gastão soube da enfermidade da morgada, e uma tarde, pediu a permissão de ir vel-a.

Foi, com o coração cheio de dores, e aproximou-se do leito onde Emma jazia, prostrada por uma febre que a requieimava.

Vendo-o, Emma teve um estremecimento nervoso, e soltou um gemido profundo.

Gastão abeirou-se, e viu um sorriso nos labios

— Está melhor, Emma? — perguntou o poeta.

— Muito melhor, agora. Julguei que não me quereria ver... Tenho estado aqui tão triste... Só penso na morte. Ah! se ella viesse antes de se consummar o acto solemne que o separará eternamente de mim...

Gastão estava calado.

Que diria elle?

— Sou muito infeliz, Gastão — tornou a doente. Tudo se revolta contra mim... Deus não quer que eu seja feliz.

O poeta tomara a mão da enferma e chegara-aos labios

— Quer acreditar n'uma cousa? — tornou Emma.

— Tenho agora odio á que vae ser sua esposa. O que nós somos! todos uns egoistas!

N'este momento entrou o velho morgado, acompanhado de Rosa.

— Então, minha filha? Não te ergues d'ahi? Olha que é preciso ter saude para festejar o casamento dos nossos hospedes. Melhora breve, sim, minha filha?

— Eu já estou muito melhor, meu pae — respondeu a joven.

E ao mesmo tempo relanceou um olhar tão esmagador a Rosa, que a pobre rapariga tremeu, como se a houvessem ferido com um grande golpe.

Pretextando um pequeno encommodo, saiu do quarto, com o desespero na alma, pensando:

— Sou aqui de mais! Acabe-se com isto!

E foi direita ao seu quarto, onde escreveu uma carta, que metteu no seio.

Gastão saiu após a filha do pintor, porque não lhe passara despercebido o olhar trocado entre as duas rivaes.

Pouco depois, Rosa desceu para o jardim e encaminhou-se para fóra do portão.

O poeta seguia-a, occultando-se, para não ser percebido.

Encontrando-se do lado de fóra do jardim, Rosa caminhou atravez o monte fronteiro, dirigindo-se para a *Penha Calva*.

Subiu, e ajoelhou-se lá em cima, n'uma oração derradeira.

— O mundo é bello, é! — pensava a joven. — Mas se Deus não quer que eu seja feliz no mundo, que me importa o resto? Sósinha, sem protecção de ninguém, falta-me agora o unico apoio em que julgava encontrar compensação para as minhas dores!

(Continúa)

Albano Coelho.

## Nas fitas d'um bouquet

Não venho aqui offertar-te

Uma prenda de valor;

Eu venho só mendigar-te

Um pensamento d'amor.

E' talvez humilde a palma...

Mas não é humilde, não:

As flores são da minh'alma

E os versos... do coração,

Braga.

Albano Coelho.



## SCIENCIAS

## ELECTRICIDADE

«Vejam agora os sabios da escriptura,  
«Que segredos são estes da natura!

CAMÕES — C. V. E. XXII — LUSIADAS.

E' a *electricidade* um «agente natural energico» — excitador d'attracções e repulsões; scintillas incandescentes; reacções molleculares; e commoções organicas.

Descoberta 600 annos antes da era vulgar no *alambre* — «ambar amarello; succino» — por THALES de Mileto na Grecia; só nos fins do século XVI depois da mesma era, mostrou na Inglaterra o medico GILBERT da rainha Izabel, que outras substancias alem do *alambre*, «friccionadas como elle», excitavam tambem attracções e repulsões em corpos leves — á similhaça do *iman* em relação ao ferro — «base inicial do *magnetismo* no século XII».

Datam desde então — «em eschala ascendente» — as descobertas electricas successivas; sendo em 1734 a primeira vez em que do corpo humano tirára «chispas electricas» DUFAY.

A fricção, a pressão, o calor, o magnetismo, e a electricidade mesma — «alem das reacções molleculares» — são os excitadores principaes da *electricidade*.

Na *ebonita* — borracha endurecida; caoutchouc duro — manifesta-se a electricidade facilmente como no *alambre*, a que os gregos davam o nome de *electron*, e d'onde proveio a palavra *electricidade* — «significativa etymologicamente de *propriedade do electron*», e nada mais.

Pôde fazer-se a fricção com *liquidos* ou com *gazes*, alem de fazer-se com «estofos de lan», ou com «pelle de gato» e de côr preta sobre tudo.

Alguns globulos de mercurio — «agitados n'um tubo expurgado d'ar» — tornam-se luminosos na obscuridade, «electrisando o tubo que os contem».

Uma corrente d'ar — «dirigida contra um vidro, ou contra fragmentos de resina e de tourmalina» — electriza cada uma d'estas substancias, como primeiramente experimentára WILSON, e posteriormente verificára FARADAY — «ou q ar estivesse humido, ou tivesse pó sêcco em suspensão».

Dos corpos electricados, uns ha *intransmissores* da electricidade — «chamados por isso *isoladores* ou *maus conductores*; havendo outros d'ella *transmissores* — chamados por isso *inisoladores* ou *bons conductores*.

Aos *corpos isoladores* — «maus conductores; corpos sem transmissão» — dava GILBERT o nome de *ideoelectricos*; e dava o nome de *anelectricos* aos *inisoladores* — «bons conductores; corpos sem transmissão».

Não ha n'esta apreciação electrica dos corpos — «bons conductores e maus conductores» — nenhuma differenciação absoluta, nenhuma distincção rigorosa.

Nem pouco dá lugar a isto o estado especial dos corpos, com a temperatura especial em que elles se acham.

No estado usual, é *mau conductor* o vidro; em pó, é *bom conductor*: — e o mesmo se dá com o enxofre em rôlo, e com o enxofre em flôr.

Na temperatura ordinaria é *mau conductor* o mesmo vidro no estado usual; mas é *bom conductor* no mesmo estado, achando-se aquecido ao rubro escuro: — e o mesmo se dá com o enxofre por aquecer, e com o enxofre aquecido.

No estado liquido, é *bom conductor* a agua; no estado de gelo desseccado, é *mau conductor*.

No estado humido, é *bom conductor* o ar; mas é *mau conductor* em estado de secura.

A' electricidade no estado de *repouso*, dá-se o nome de *electricidade estatica*: e no estado de *movimento* — «em *correntes* n'outra expressão» — dá-se-lhe o nome de *electricidade dinamica*, e o de *galvanismo* desde 1780 — e não desde 1786 apenas — devido ao medico Galvani, professor na universidade de Bolonha — berço natalicio seu. — E dá-se-lhe o nome ainda de *electricidade voltaica*, devido ao physico Volta de Comos — professor na universidade de Pavia.

Nos gabinetes de physica, desenvolve-se a *estatica* em *machinas electricas*; e desenvolve-se em *pilhas electricas a dinamica*.

D'umas e outras d'ellas, são hoje variados á larga os typos de confecção, assim como das *machinas electro-magneticas* e *motores* congeneres.

Foi GRAY em 1727, quem primeiro de todos notára a *conductibilidade electrica* dos *inisoladores*.

Friccionando então um tubo de vidro — «tapado n'um dos extremos com uma rolha de cortiça» — via que ella se electrizava alli, sendo incapaz de o ser directamente,

Ligando depois á rolha uma comprida corda de *canhamo*; e suspendendo-a por fios de seda, pendentos do tecto do aposento em alturas eguaes; netou acções electricas então em toda a extensão da corda, em cada vez que friccionava o tubo arrolhado assim.

Em 3 factos capitaes, assenta a doutrina electrica toda:

1.º — Excitação da electricidade por fricção — «excitação usual»;



2.º — Conductibilidade da electricidade — excitando-a os corpos electrificados nos corpos inelectrificados;

3.º — Dois estados oppostos da electricidade, a que DUFAY em 1734 dera os nomes de *vitreo* e *resinoso*, em relação ás substancias em que os notára então; e a que depois mudára FRANKLIN esses nomes em *positivo* e *negativo* — «sendo estes os mais preferidos nomes na actualidade, e com razão»: — pois friccionando em cruz, por exemplo, duas fitas de seda branca da mesma peça — electriza-se *vitreamente* a transversal, electrizando-se *resinosamente* a outra: e friccionando dois fragmentos d'um mesmo corpo com egual polido, mas em temperatura diversa — electriza-se *vitreamente* o menos quente, electrizando-se o outro *resinosamente*;

4.º — Simultaneidade das duas electricidades no acto da fricção — «uma no *corpo friccionador*, e outra no *corpo friccionado*» — como experimentalmente é facil de verificar desde WILCKE, comparando-lhes em ambos as opposições d'attracção e repulsão;

5.º — Equivalencia das duas electricidades oppositas — como com a neutralisação reciproca d'ambas se comprova expeditamente desde WILCKE, feita a adjuncção do *corpo friccionador* com o *corpo friccionado*.

Sendo no entanto «em si» tam simples a *electricidade*; «complexas» lhe vão sendo as *aplicações* de dia em dia nas artes e nas sciencias—chegando até a *medicina* a poder *dosal-a* therapeuticamente, á semelhança dos demais «medicamentos»—e como até com a propria *musica* não deixa de o idear tambem a «sciencia hodierna», em suas altissimas aspirações utilitarias.

E em caminho vae a *electricidade* para poder coroar estas *aplicações*—«dentro em breve talvez» — com a solução completa dos mais arrojados problemas para si:—a substituição do *vapor* nas «machinas», e a substituição do *gaz* nas «illuminações».

Pararei aqui por isso—«no meio do muito que o assumpto exigia»—exclamando com o CAMÕES nos LUSIADAS—Cant. III. Est IV:

«Irei contra o que devo, e serei breve»

Dr. Pereira Caldas.

## ORIGEM DOS FERMENTOS

(Contin. da pag. 15)

Schultze, querendo estabelecer um paralelo, collocou ao ar livre este vaso com todos os seus annexos a par d'outro totalmente aberto; notou que o vaso aberto se povoa de seres microscopicos, vibrações e monadas, sem que outro denunciase ao microscopio o menor vestigio de organisação.

Pode-se comtudo julgar que a acção do acido sulfurico é bastante energica para alterar *um principio especial do ar*; os trabalhos de Schroeder e V. Dusch annullaram esta objecção.

Guiaram-n'os n'estes estudos as experiencias de Loëvel, que reconheceu a improficuidade do ar, filtrado atravez do algodão, em provocar as crystallisações das soluções suprasaturadas de sulfato de soda.

O aparelho de Schultze presta-se ás suas investigações; apenas a um dos tubos ajuntam elles um outro, cheio d'algodão cardado e de maiores dimensões e, por sua vez, o outro é posto em communicação com um aspirador.

Destruídos os germens do interior do balão e dos tubos, pela applicação do calor, ponha-se em pratica a aspiração por bastante tempo.

Reconheceram estes sabios que a carne addicionada d'agua, o mosto de cerveja, a urina, a colla de amido e os materiaes do leite em separado ficam inalteraveis no ar filtrado; pelo contrario, o leite, a carne sem agua, a gemma d'ovo putrefazem-se da mesma maneira que ao contacto do ar ordinario.

D'este duplo resultado concluia-se que a presença do oxygenio é sufficiente para a decomposição espontanea de certas substancias e que a presença d'elle, de mistura com a de *coisas desconhecidas*, (que o calor e o acido sulfurico destroem e o algodão aprisiona) era exigida para a decomposição d'outras substancias.

Não se aventuraram os dois sabios a emittir opinião sobre a natureza d'estas coisas e, muito menos, a dar-lhes o caracter de germens.

Para determinar a natureza d'estas *coisas descongeoidas* e provar que ainda são germens de fermentos ou infusorios, fica aberto o logar, reconhecido o *desideratum*, a quem, occupando n'esta longa lista d'experimentadores a ultima posição, proemina aos seus predecessores pela habilidade exercitada em trabalhos de tão delicada manipulação, pelo seu genio altamente analytico, a cuja investigação cedem os mais difficeis problemas experimentaes e, finalmente, pelo generoso affecto á humanidade, em proveito da qual, n'este momento, tem prompto um remedio, que é procurado de todos os cantos do mundo pelos enfermos, como o milagre mais portentoso do seculo.

Pasteur, o sabio investigador, o obreiro infatigavel da sciencia, o genio alevantado da França, que hoje recebe em seu laboratorio a humanidade enferma, e cujo nome resoa aos nossos ouvidos com a maior das sympathias que todo o mundo lhe consagra, entra agora em scena, munido de todos os seus dotes de habil experimentador.

Pasteur tratou de examinar o ar atmospherico affirm de o reconhecer como o vehiculo dos germens de fermentos e infusorios, agentes das fermentações. e sobre os quaes têm uma acção destruidora o calorico, e o acido sulfurico.

Serviu-lhe n'este examé um tubo de  $\frac{1}{2}$  centimetro de diametro, que, em certa extensão do seu comprimento, era obstruido por uma *rolha* de algodão solúvel; uma das extremidades d'este tubo abria-se na atmospheria e a outra estava em communicação com



um aspirador, que funcionava durante certo lapso de tempo.

Na passagem do ar atravez do algodão, não só aquelle era privado da poeira atmospherica, mas tambem dos germens. O algodão recoberto d'estas pequeninas particulas, que voltijam na atmospherica, dissolviam-se lançando-o n'uma mistura d'alcool e ether; no fim d'algum tempo as poeiras agglomeram-se no fundo do vaso, d'onde, por decantação, é facil obtel-as. Este deposito juncto ao liquido que o humedece, sofre n'um vidro do relógio uma evaporação que o seca totalmente.

Examinado ao microscopio este deposito, forneceu elle sempre, de pareeria com grãos d'amido e de carbonato de cal e de muitas particulas amorphas, corpusculos organisados. Cumpre advertir que os grãos d'amido e de carbonato de cal não se denunciavam ao microscopio, quando em vez da agua em que o deposito foi diluido antés da analyse, se empregar o acido sulfurico, de que muitas vezes se serviu Pasteur.

E', pois, evidente a existencia, no ar, de corpusculos organisados; para completa demonstração era necessario provar que estes corpusculos organisados eram os germens fecundos dos organismos que pululam nas fermentações.

Pasteur éncarregou-se de resolver esta segunda parte da questão com a mesma proficiencia e pericia que lhe asseguram o exito mais feliz.

N'um balão da capacidade de 250 a 300 centímetros cubicos preparou Pasteur uma mistura nos seguintes termos; agoa—100 partes, assucar 10, materias albuminoides e mineraes provenientes da levadura de cerveja 0,7.

O collo afilado de balão communicava com um tubo de platina, que é aquecido ao rubro n'uma grade de ferro, de modo que o ar destinado a encher o balão, era calcinado. Pela ebullicão do liquido do balão, destruiam-se os germens n'elle existentes. Feche-se o collo do balão á lampada. Conserve-se agora este balão, depois de todo este trato, n'uma estufa de temperatura constante, 30.º aproximadamente, e observar-se-ha que nenhuma alteraçãõ elle apresenta no conteúdo liquido, por mais demorada que seja a sua estada na estufa.

Foi tal a constancia d'este resultado que Pasteur obteve nas suas experiencias, que só acha a razão de ser na pericia experimentada do autor; bem contrarios fõram, porem, os resultados que outros observadores, como Buchet, Holy, etc, obtiveram em tal questão.

Faça-se, no entanto, livre dos cuidados que obstaram á introducção dos germens do ar atmospherico, a mesma experiencia *ao ar livre*; no fim d'um ou dois dias, contrasta com a limpidez sempre intacta do liquido no 1.º caso a alteraçãõ clara, a par da grande abundancia de bucterias e vibriões.

Em conclusãõ, a agua albuminosa assucarada, liquido demasiadamente alteravel, conserva-se durante

annos sem alteraçãõ, quando exposta ao ar calcinado e perde aquella immuniidade pelo contacto com o ar ordinario.

(Conclue)

A. V. Cid.

## CHARADAS

### Em mappa

2	2	Armadura
2	2	De madeira
De madeira	Armadura	

### Em verso

(POR SYLLABAS)

Não te dou grande massada  
Com esta minha charada.

A eharada facil é,  
Facillima que vac ser  
Comtudo toma sentido,  
Atteuçãõ que vou dizer:

Começarei pela prima  
(Eu não repito outra vez)  
Pode ser um appellido  
Ou adjectivo francez—1.

A segunda é um instrumento  
De madeira ou de metal,  
Mas, se ligada á terceira,  
E' com certcza animal—2.

E' verdade que se usa  
Conceito no fim dizer,  
Mas a charada está morta  
E não temos mais que ver.

### Em quadro

. . . . Animal  
. . . . Verbo  
. . . . No hospital  
. . . . Verbo

### Em triangulo

. . . . Nome de mulher  
. . . . Nome de mulher  
. . . . Periodos de tempo  
. . . Flor  
. . . Verbo  
. . . Artigo



## ENYGMATA



## DECIFRAÇÕES

Das charadas novissimas—Chapeo, fenopeas, troupe-  
laberca.

Da charada em mappa Pa chá  
Cha pa

Da chapada em verso—Camaleão.

Da charada electrica—Orar.

Da charada em quadro—R o s a  
o l o r  
s o l o  
a r o s

Do logogripho—Ermelinda.

Do enygmata—Uma entrevista.

Do problema—O primeiro tem 320; o 2.º 160; o 3.º 80;  
o 4.º 40; o 5.º 20; o 6.º 10 reis.

## EXPEDIENTE

Visto o augmento do nosso semanario, somos for-  
çados a alterar as condições da assignatura.

Perdoem-nos os nossos assignantes esta leve al-  
teração de preço.

Pedimos aos nossos assignantès, tanto de Barcel-  
los como de fóra, de satisfazerem, adiantamente, o pre-  
ço das suas assignaturas.

Não nos foi possível, como tínhamos promettido  
aos nossos estimaveis assignantes, por falta do neces-  
sario material typographico, dar inicio aos problemas  
de xadrez, cujo cargo foi confiado ao nosso ex.<sup>mo</sup> col-  
laborador J. C. Vasques, muito conhecedor e perito  
n'esse jogo tão estrategico e que tem merecido dos  
sabios o mais completo estudo.

Logo que nos chegue o material, que esperamos,  
indemnizaremos os nossos assignantes com variados  
e novissimos problemas.

Pedimos, finalmente, desculpa d'este nosso invo-  
luntario peccado.

## CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

EM BARCELLOS		FÓRA DE BARCELLOS	
Anno.....	1\$400 reis	Anno.....	1\$500 reis
Mez.....	120 "	Mez.....	140 "

Direcção e administração — Barcellos — Rua Direi-  
ta.

## ANNUNCIOS

## ELEMENTOS DE CHIMIGA ORGANICA

POR

Julio de Carvalho Vasques e Alberto V. Cid

ALUMNOS DA ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

1.ª edição revista e prefaciada pelo ex.<sup>mo</sup> sr. dr.  
A. J. Ferreira e approvada pelo Conselho de Instrução  
Publica.

LIVRARIA PORTUENSE

DE

LOPES & C.<sup>A</sup>

PORTO

## PARA AS TOSSES

OS

Rebuçados Calmantes Balsamicos,  
de Manoel Joaquim Leite

São uma preparação sem igual em efficacia para a cura  
prompta e segura das tosses antigas e recentes, rouquidões,  
dôr de garganta, bronchites, padecimentos asthmaticos, sof-  
focação, coqueluche, crup e ainda como grande allivio nas  
tosses provocadas pelos estragos causados pelas phtisicas  
etc. etc. Vide o prospecto que acompanha cada caixa.